

## Revista 127 – Perfil Álvaro Siza: “O cúmulo do funcional é a beleza”

6 Fevereiro, 2026



Quando chegamos ao ateliê, Álvaro Siza está em pé, na sala que acolhe quem entra, envolvido numa conversa sobre um projeto e o seu licenciamento. No modo como gesticula, no discurso fluido e direto, reconhece-se imediatamente aquilo que tanto o caracteriza: o seu vigor e energia. Ao fundo, à direita, acumulam-se materiais próprios do caos metódico de um ateliê vivo, onde o trabalho parece não abrandar, apesar dos 92 anos do seu autor.

A entrevista decorre numa das salas interiores, rasgada por uma janela sobre o Rio Douro e decorada por desenhos e projetos nas paredes, num ambiente em que até o café e os cigarros se tornam intervenientes discretos da conversa. É neste cenário que ouvimos Álvaro Siza, que se diz “fã do Serviço Nacional de Saúde”, falar de saúde, de arquitetura, de trabalho e de tempo. De um país que conhece por dentro, dos hospitais onde esteve internado – e, claro, dos enfermeiros, a quem reconhece competência, humanidade e prontidão. E, sobretudo, da forma como tudo isto se articula com o olhar que lançou sobre o mundo ao longo de mais de sete décadas de desenho, pensamento e construção.

**Esta entrevista é para uma revista de enfermagem, por isso é inevitável falarmos de saúde. Sabemos que é um grande defensor do Serviço Nacional de Saúde (SNS) – e gostávamos de saber como foi ou tem sido a sua experiência com o SNS ao longo da vida e, em específico, o que diria do cuidado dos enfermeiros.**

A crise maior que tive, minha, foi no Serviço Nacional de Saúde e não tenho nada a dizer de mal, pelo contrário. Fui bem tratado, as instalações também eram razoáveis, estive no São João e estive no Santo António. Os enfermeiros trataram-me sempre muito bem, em todos os sentidos, e, portanto, eu sou fã do Serviço Nacional de Saúde porque, realmente, encontrei um atendimento bom e competente. A razão por que eu lá estive teve a ver com ossos e, de uma outra vez, teve a ver com intestinos e estômago, diferentes especialidades, e não tenho nada a dizer de mal, só tenho a dizer de bem. Sei que há problemas. Falta de gente, falta de valorização e por aí fora. Os enfermeiros só conseguem resolver os problemas, muitas vezes, através dos sindicatos, mas, mesmo através dos sindicatos, deve ser muito difícil porque, quando se ouve notícias sobre o que se passa, hospitais fechados, criancinhas a nascer no asfalto ou no cimento, realmente a organização não está afinada. Mas isso tem muito mais a ver com os políticos do que com os enfermeiros.

### **Acredita que os espaços em si, os hospitais, os centros de saúde, a forma como estão construídos, têm impacto na forma como as pessoas se sentem?**

Os utentes bem não se sentem porque se estão ali é porque não estão bem. Eu estive hospedado durante cinco dias num hospital do Serviço Nacional de Saúde e a coisa que mais me impressionava – tirando os problemas que tinha – era a necessidade de comer. Só consegui comer maçã assada, e estava boa, mas o resto nem olhar.

### **Querida, com isto, fazer alguma ligação com a Arquitetura.**

Bem, nesse aspeto, há o bom e há o menos bom. Eu estive, dessa vez, no São João, que é um projeto alemão, do início da guerra. Aliás, é o mesmo projeto que o de Lisboa [Hospital de Santa Maria] só que em Lisboa fez-se completo, no Porto faltou dinheiro e não fizeram o projeto completo, o que foi criando problemas. Um hospital com os mesmos serviços, mas com menos espaços; lá vão compondo como podem, mas é difícil porque é um todo, uma estrutura feita. De resto, salvo aquele ar um bocadinho fascista – um bocadinho, não, muito fascista – é agradável, é bem organizado. É pena que não o tenham feito completo. O Santo António é muito antigo, tem uma parte renovada, fiquei com muito boa impressão, mas tem o mesmo problema da maçã assada. Eu não percebo porque não é possível fazer um contrato com uma empresa que trate bem do assunto, que ponha na cozinha os equipamentos que são necessários. Digo-lhe uma coisa: é penoso. A coisa mais penosa – também, não tive coisas de uma gravidade extrema – mas a coisa mais penosa, dentro das dores que tinha, foi a comida. E o aborrecimento de estar hospedado, mas isso, não há Arquitetura que salve. Nem Arquitetura nem gastronomia. No São João, estive hospedado poucos dias, mas a minha filha está lá, neste momento. Uma coisa que eu notei com ela e notei comigo mesmo, é que, se precisava de alguma coisa à noite, tocava à campainha e aparecia logo um enfermeiro ou uma enfermeira. Nisso notei, efetivamente, maior eficácia do que nos privados onde estive, era pronta a resposta.

### **O que me parece que o Sr. Arquiteto quer dizer é que, do ponto de vista da competência técnica e do acompanhamento humano, o SNS dá muito melhor resposta do que os privados, fora os pormenores hoteleiros, e o que é preciso é investir nele, não é?**

Eu fiquei muito bem impressionado, nas experiências que tive. Depois estive num outro, que até, do ponto de vista do ambiente, da construção, era melhor. Não é uma obra-prima de Arquitetura, mas está-se bem, é confortável. É um novo, que há na periferia do Porto.

### **O Trofa Saúde?**

Aquilo é uma casa de saúde, é mais para recuperação. É privado, é o Fernando Pessoa.

**Até do ponto de vista arquitetónico, é interessante.**

Sim, foi feito há pouco tempo.

**Foi comprado pelo Grupo Trofa Saúde [Trofa Saúde Hospital Escola Fernando Pessoa]. Um grupo muito ligado aos têxteis, mas que agora também está no negócio da saúde.**

Fiquei muito bem impressionado, mas prefiro o Serviço Nacional de Saúde, pela experiência que tive, mas também pela abrangência, pelo alcance que tem. Muita gente não tem dinheiro para ir para um hospital privado, portanto, é de uma importância geral, para toda a gente. E vejo com muita preocupação e muita tristeza alguns sinais de menos interesse.

**Falando um bocadinho sobre si, novamente. Aos 92 anos, o que faz pela sua saúde e de que forma é que continua a equilibrar o trabalho com a sua vida pessoal?**

Eu, por muito que faça, de pouco sei, mas, pelo menos, por razões físicas, mas também psíquicas, venho todos os dias ao escritório. Porque, uma coisa fundamental, é a pessoa mexer-se, andar. Eu tenho um problema difícil na coluna, quer na cervical, quer na lombar, e as dores na cervical são de trepar pelas paredes e as da lombar estão a afetar-me as pernas. Faço fisioterapia, mas duvido que dê para recuperar. Enquanto puder andar, ando, mas passeios, não. Eu viajei muito e agora acabou isso. Quando tenho trabalhos lá fora, já não sou eu que vou. Ainda fui... olhe, à China e à Coreia ainda fui 12 vezes. Agora, nem a Lisboa vou. Andar de carro ou de avião, nem pensar.

**Sendo a sua Arquitetura muito funcional, às vezes questiono-me, os enfermeiros questionam-se, sobre a forma como é distribuído o espaço, com as enfermarias, as salas de trabalho... Era importante haver mais sensibilidade quando se projeta um hospital, ouvir os profissionais que lá trabalham. Eu penso que não há muito essa preocupação de adaptar os espaços à sua funcionalidade.**

Olhe que há. Isso é importantíssimo. Eu fiz um hospital... ou melhor, fiz um projeto de hospital. Era um hospital enorme, era o hospital principal da região de Toledo e trabalhei juntamente com um arquiteto de lá e construímos praticamente a estrutura toda e os acabamentos. Era uma coisa enorme, com milhares de metros quadrados, com imensos serviços. Depois, houve uma mudança política na região, falta de dinheiro, isto foi há uns 30 anos, e parou. Depois, um dia recomeçaram, mas não nos chamando a nós. Está em tribunal, não sei se ainda está.

Deu para ter uma experiência grande, construir as estruturas todas e havia um projeto de execução já feito, foi abandonado. Falámos muito com médicos, havia três muito ligados à construção, pessoas de comunicabilidade impecável, e foi tudo feito com a sabedoria e a experiência de médicos. Fizemos com eles uma visita à Noruega, onde fomos ver hospitais modernos, muito bons. Tenho lá uma sobrinha que se queixa, diz que é muito melhor o serviço aqui do que na Noruega. O serviço em todos os sentidos. Se é uma coisa grave, tratam tudo, mas se for uma coisa ligeira, que não implique perigo de morte, despacham.

A função é de uma importância enorme. O que fazemos também, juntamente com os engenheiros, é todo o sistema de infraestruturas, é complexo, tem de ser muito bem preparado porque é um mundo de máquinas e de coisas que têm de funcionar a eletricidade.

De maneira que, quer a organização, quer os diferentes serviços e salas de operações, quer a atmosfera também interessa muito. Até a maneira como se entra no hospital. Este, que nós projetámos, era ligado aos exemplos da Noruega. Era uma galeria envidraçada, cheia de luz, enorme, tinha uma passerelle mecânica e via-se de um lado e do outro.

**O que estou a perceber do Sr. Arquiteto é que acha que as condições, o edifício em si, a luminosidade, os espaços, também podem contribuir para o bem-estar de um doente.**

Há Arquitetos que cuidam disso, com muita atenção. Há um hospital, um sanatório, famosíssimo, na Finlândia, de um dos maiores Arquitetos de sempre – já morreu – Alvar Aalto. Um pouco antes de ter tido a encomenda para esse projeto, esteve doente e teve de passar uns dias no hospital. Reparou que o doente, em geral, está deitado e olha para o teto, que era branco. Então, pintou o teto de uma cor, um azul claro, porque dizia que uma das coisas que o incomodava, e com a luz acesa, era de olhar sempre para o branco. É um sanatório belíssimo, hoje em dia é um hotel e não foi preciso mudar nada, estava tão bem feito. Um hotel, em geral, é mais cuidado, tem mais luxo, eventualmente, do que um hospital, mas para esse arquiteto não havia isso, havia o conforto.

**Sente que o arquiteto Alvar Aalto é uma das suas referências?**

É, é. Quando comecei a tirar o curso... Eu não queria ir para Arquitetura, queria ir para Escultura. Isso já vão uns 80 e pouco anos. Na altura, era considerada a Escultura uma profissão que não convinha, ligava-se à bebida, ao desleixo, à miséria. O meu pai pediu-me por tudo para não ir para Escultura. Como a Escola de Belas Artes tinha os dois cursos e como o meu pai era uma pessoa encantadora, não dava para eu me zangar, eu decidi entrar para Arquitetura e depois, pacificamente, mudar para Escultura. Mas encontrei a Arquitetura numa renovação muito bem feita, com um novo diretor, uma nova equipa, e acabei por gostar.

**Haverá algum edifício, algum espaço que, em particular, o tenha convencido em relação à Arquitetura?**

Vários. O primeiro ainda nem pensava nem estava em idade de ir para Belas Artes, mas visitei um edifício famoso, numa viagem com os meus pais, em Barcelona, de um arquiteto do séc. XIX, um arquiteto chamado Gaudí, muito especial. Gostei talvez especialmente porque aquilo me pareceu escultura e visitei todos os edifícios em Barcelona, dele. Mas depois eu reparei que tinha tudo o que tinha a minha casa, em Matosinhos, puxadores, moldura do teto, janelas de determinada maneira e eu disse: “Não, isto não é escultura, isto é igual à minha casa”. Igual, salvo a diferença de qualidade. Isso foi a primeira vez que me impressionou, porque eu não ligava nada a Arquitetura porque não tinha ligação, nem familiar, nem de amigos.

Comecei a frequentar e o professor, a primeira vez que foi ver o meu trabalho, disse-me: “Olhe, eu não lhe vou fazer crítica porque, olhando, vê-se que você não faz ideia do que seja Arquitetura nem antiga nem moderna. (risos) Então dou-lhe um conselho: vá a uma livraria boa, compre umas revistas de Arquitetura”. Havia uma, francesa, que era a única que chegava cá a Portugal. Um dos números que estava na livraria era desse Alvar Aalto, que me impressionou profundamente, era uma grande novidade, uma grande beleza.

Depois, pela vida fora, não é um, são mil, dez mil, sempre que há boa Arquitetura. Como viajei bastante, vi muito boa Arquitetura. Não se fazem cópias, o que se tem é muitas impressões no subconsciente deste, daquele, daqueloutro, deste edifício ou daquele. O ver é uma parte da aprendizagem. Aprender a ver é fundamental.

**Depois do que aquele professor lhe disse, aprendeu a ver.**

Aprendi o que pude. Cada um tem os seus limites. (risos) Pelo menos, tentei e, além disso, além de aprender a ver, há o estímulo de ver boa Arquitetura. A gente fala muito, e bem, de funcionalidade, mas o cúmulo do funcional é a beleza.

No trabalho de Arquitetura, que é um trabalho de equipa, com engenheiros disto, daquilo, daqueloutro, o arquiteto é, não digo que o único, mas o que mais se debruça no problema da beleza. Porque a beleza é como que a

síntese da funcionalidade. Não há Arquitetura bela não funcional.

**Nós temos aqui um hospital emblemático, no Porto, o Hospital de Santo António. É composto por um edifício neoclássico, que está adaptado ao hospital. Acha que um edifício daquela envergadura, daquela época, terá as condições de proporcionar aquela leveza, aquela funcionalidade, aquela luminosidade?**

O Santo António é o primeiro edifício neoclássico feito no Porto e é um projeto inglês. Foi comprado a Inglaterra e depois teve de se fazer a adaptação ao terreno aqui, que tem desníveis, e o projeto, na Inglaterra, era para um terreno plano. Daí haver aqueles muros altos, para fazer plano. É um belo edifício e adaptou-se exatamente porque tem uma boa organização e distribuição.

Depois, fez-se a parte nova, mas, como era um edifício classificado, devem ter forçado a fazer afastado com esses preconceitos em relação ao património.

Porque uma cidade património deve ser tudo, tudo deve ter qualidade. Mas, o que acontece, é que se divide nos casos preciosos, que são património, e o resto venha o que vier. Sendo assim, não há património, porque o que é classificado património, se estiver rodeado de coisas péssimas... um edifício não está sozinho. Se o que o rodeia é mau, onde está a beleza patrimonial?

**Que palavra daria sobre a sua avaliação do Serviço Nacional de Saúde e a experiência que teve da proximidade e do cuidar, por parte dos enfermeiros? Referia há pouco que, sempre que tocava uma campanha, aparecia sempre alguém. Sabemos que os enfermeiros são quem está 24 horas com os doentes. O que acha necessário para manter estes profissionais motivados?**

Motivados já estão porque é uma profissão que exige... todas exigem, mas esta, em especial, uma paciência e uma dedicação enorme, o que também dependerá das caras aflitas dos doentes. É preciso essa abnegação.

Depois, é uma questão de organização do trabalho e do descanso, o que depende do número de pessoal, porque tem de haver pausas. Essa abnegação e paciência sofrem até um certo limite e podem, eventualmente, esmorecer, por cansaço e necessidade de pausa, como toda a gente. Está visto que há gente em número insuficiente, quer médicos, quer enfermeiros. É um problema de organização e de verbas necessárias.

**Falou num tema muito atual, que é preciso os profissionais, neste caso, os enfermeiros, terem tempo de pausa, tempo para descansar, para ter condições para cuidar dos outros. É incrível que, mesmo assim, estejamos num tempo em que a proposta que a Ministra faz é aumentar o número de horas para os enfermeiros.**

Eu tenho seguido isso. Isso é um problema latente que há, com médicos, enfermeiros e outros. Há profissões em que a interrupção é mais regular e não tão imprescindível. Tem de haver uma organização que garanta princípios que devem ser respeitados. Depois, vai para os Ministérios e, por questões de verbas, ou por questões de distribuição das verbas ou por questões de ignorância – mas isso não deve ser porque os ministros também adoecem. Deve ser uma questão da distribuição das verbas limitadas que há. E não é só nos hospitais, na educação também. Aliás, são os grandes temas que estão a ser debatidos, surge logo à cabeça a saúde, a educação e a habitação.

**Deixou de se fazer habitação social, o Sr. Arquiteto também teve um projeto pioneiro no Porto.**

Eu e outros. Só que, ao fim de 3 anos, foi cancelado. Isso foi em 74, foi um Ministro, o Arq. Nuno Portas, que

formou esse serviço. No caso específico do Porto, o centro tinha, e ainda tem, bastantes ilhas e todo o anel à volta. No fim do século, metade da população do Porto vivia em ilhas; mais tarde, começaram os programas de erradicação das ilhas. Houve uma Câmara que ainda fez bastante por isso, foi com o Presidente Eng. Vaz. Interessou-se por isso e veio um urbanista francês muito conhecido para trabalhar na erradicação das ilhas. Ele disse: “O que o Porto precisa é de um plano geral.” E fê-lo.

O princípio anterior era expulsar para as periferias quando deitavam ilhas abaixo, muitas vezes quebrando comunidades. A ilha era a porta de acesso a um quintal, eram casas de quatro metros e meio por quatro metros e meio, com uma família, condições péssimas, mas com sentido de comunidade, de solidariedade. E muitas vezes dividiam essas comunidades; mesmo, às vezes, o avô ia para um bairro e os filhos iam para outro. Em cada bairro, havia um informador da PIDE. Não podiam pregar um quadro na parede sem autorização, não podiam ter animais domésticos e por aí fora. Era um regime absolutamente desumano.

Esse programa procurava fazer uma coisa diferente, que era manter os habitantes na mesma zona, manter as comunidades, formavam-se associações de moradores. A maioria da mão de obra, na altura, foram os estudantes, mas era obrigatório haver um diplomado a chefiar. Poucos quiseram isso, porque era mal pago e muito duro. Quase todas as noites havia reuniões com os moradores, os projetos eram discutidos com os moradores, não para fazer o que eles diziam, porque eles também não sabiam, mas para esclarecer e explicar.

Quando os debates chegaram à cidade, por razões evidentes – cada ilha era relativamente pequena e eram espaçadas – cada associação de moradores queria, por exemplo, uma escola ou um posto médico. As várias equipas, que trabalhavam muito em conjunto para debater os problemas, tiveram que explicar que não era possível em cada bairro haver uma escola e, portanto, tinham de se entender, discutir entre eles e com os Arquitetos, para estudarem onde era melhor geograficamente, e possível, construir uma escola, por exemplo, que abarcasse várias associações de moradores. Quando chegou aí, começou a mexer com interesses de muita gente. Por isso, ao fim de três anos, foi cancelado.

### **Esse projeto, mesmo tendo sido cancelado, depois abriu-lhe outras portas lá fora.**

Eu e os outros que participaram nesse projeto ficámos sem trabalho nenhum, fomos absolutamente marginalizados. Aquilo depois atingiu uma dimensão política, quando chegou à cidade. Eu e a maioria dos outros que trabalharam nesse serviço ficaram, pura e simplesmente, sem trabalho.

Para mim, até foi bom, com todo o respeito, porque foi a partir daí que comecei a ter... Esses programas foram públicos e interessaram a Europa. A maior parte dos Arquitetos estrangeiros, de quem fiquei amigo, conheci-os porque vieram ver a Revolução e depois descobriram que também havia a Arquitetura. A Arquitetura portuguesa que conheciam era o Manuelino e o Gótico, agora a Arquitetura Moderna, não, porque aquele regime não queria nada que pudesse comportar o nome Moderno, havia grandes restrições à expressão da Arquitetura. Mas comecei a ter convites. Primeiro, para Berlim e a seguir para a Holanda. Na Holanda, foi o responsável da habitação em Haia que veio ao Porto e visitou a Bolsa e a seguir convidou-me para trabalhar lá. Disse-me: “Se eu o convidasse para um trabalho, na Holanda, aceitava?” E eu disse para mim mesmo: “Pudera!” (risos).

Lá, os problemas eram semelhantes. Não era tanto zonas degradadas ou com tão más condições porque, na Holanda, já nos anos 20-30, as condições da habitação para as pessoas com menos posses eram tratadas melhor do que aqui, não eram casas de quatro metros e meio por quatro metros e meio. Havia um problema a surgir, que era o problema da imigração, zonas conflituosas. Na Holanda, era um bairro grande, do princípio do séc. XX e metade da população eram imigrantes. Começou a haver conflitos. Houve diálogo, muita participação, foi muito acompanhada pelo Governo de então, um Governo socialista. Quem veio cá era um político socialista e era uma maneira de dar atenção, falar com os holandeses e com os imigrantes, o que era interessantíssimo, porque havia pessoas de toda a parte, havia da Índia, do Suriname, Portugal, Itália, América do Sul, Brasil. De maneira que nas reuniões havia vários assistentes sociais para ir traduzindo para as diferentes comunidades. Às vezes, era em

conjunto, outras eram especificamente para a comunidade árabe, por exemplo. Foi muito interessante.

### **Essa multiculturalidade influenciou o seu trabalho, nesse projeto, de alguma forma?**

Sim, sim, claro. Claro. No sentido de consenso. Muito do diálogo tinha a ver com essa aceitação, com a comunidade. As reuniões eram muitas vezes em conjunto. Havia dificuldades, mas tinha também um aspeto bom, porque no início havia conflitos. Quando se acabou foi imediatamente ocupada por cooperativas e quando acabou e aquilo começou a funcionar não havia conflitos. São coisas muito vulneráveis.

Quiseram que eu fosse visitar o bairro, que era grandinho, tinha imensa gente, há uns 20 anos ou 15 anos, e quando íamos no comboio, íamos umas 10 pessoas, viram aquela gente estranha, e uma senhora perguntou-nos o que íamos fazer e quando dissemos que íamos a Shilderwijk, disse-nos: “Não vão! É muito perigoso!” Nós fomos, na mesma, e não havia perigo nenhum. Mas tinha acontecido uma coisa: quase não havia holandeses. A relação com o imigrante, naquele caso, era mais de não querer a mistura. Era o preconceito. Encontrámos lá um fotógrafo holandês, que se ria e dizia: “Eu vivo aqui e estou muito bem aqui.”

Não sei como está agora, mas deve estar pior, com o que se tem desenvolvido, com a Extrema Direita. Esse tema de transformar o preconceito numa realidade, numa regra. Aquilo já não estava a mesma coisa. Estava muito vivo, lojas abertas, etc, mas só imigrantes.

**Apesar de nem sempre se ter sentido acarinhado por Portugal, ao longo da sua carreira, a verdade é que o seu nome é indissociável da Arquitetura portuguesa e o que eu gostava de saber era se sentiu isso, ao longo da carreira, e se isso lhe trouxe mais responsabilidade ou mais liberdade.**

Não tenho trabalho em Portugal.

### **É com mágoa que diz isso?**

É, mas não me concentro na mágoa se não passo por esta vida magoado. Tenho trabalho na Holanda, na Alemanha, na Itália, na Espanha, em Cracóvia, eu sei lá, toda a parte. Depois, quando a Europa toda entrou em crise... Porque este problema tem, infelizmente, muito origem na Comunidade Europeia.

**É estranho porque a sua Arquitetura é reconhecida pelos portugueses. Eu até falo na Igreja de Marco de Canaveses, por exemplo, onde se vai de propósito para a ver. Acha que são questões políticas?**

Não. Acho que deve dar gozo a alguns funcionários das Câmaras, que também não têm vidas e trabalhos muito interessantes, deve dar gozo dizer: “Ah, este é aquele que tem os prémios, eu já te digo.” Eu estou a dizer que não tenho trabalho em Portugal, mas tenho um, que é uma pequena casa na Foz, recuperada, mesmo pequenina, numa daquelas ruas antigas, uma casa particular. Esteve na Câmara, sem parecer, dois anos e, quando, finalmente, veio aprovado, está para aí há um ano a tentar arranjar-se um construtor, ou não há ou há com preços absurdos, 5.000 euros por metro quadrado. Alguns são empreiteiros que me conhecem de outros tempos e não me querem dizer que não e põem um preço proibitivo.

A situação é esta, porque trabalho há muito, em certas zonas de Portugal. Vejam isto, para ver como são tratados os Arquitetos. Toda a obra pública é obrigatoriamente feita por concurso entre construtores, não é entre Arquitetos. O construtor depois é que vai buscar o arquiteto e claro que vai buscar um que prometa cumprir as ordens. A situação é esta. Os pagamentos são piores, em proporção, do que nos anos 50. Tudo subiu. A construção sobe, mas os projetos descem.

### **E o que acha da qualidade da construção, hoje em dia?**

A qualidade e os projetos desceram.

### **Isso é um problema para quem quer ser arquiteto em Portugal, para as gerações mais novas?**

Isso acontece em Portugal, em Itália, em França, na Holanda, tudo quanto seja Comunidade Europeia, estas indicações vêm da Comunidade Europeia. Na Europa, só se pode trabalhar na Suíça, na Inglaterra e na Alemanha, que é forte e pode dar um murro na mesa. Eu tenho um projeto em Veneza, de um concurso, que começou, mas ainda não está pronto. Sabe há quanto tempo começou? 42 anos.

Estou a fazer juntamente com o Souto de Moura a Estação da Praça do Município de Nápoles. Sabe há quanto tempo estamos a trabalhar nisso? 27 anos.

### **Portanto, Portugal está na onda da Europa.**

Sim, os outros não são melhores. A Itália até será o pior.

### **Da mesma forma que continua a vir ao escritório todos os dias, queria saber se o desenho continua a ser essencial no seu dia a dia. Continua a desenhar todos os dias?**

Sobretudo, quando estou aborrecido da Arquitetura, com todas estas coisas. (risos)

Desenho, desenho. Olhe. Desenho cidades, uma árvore. Mas é mais quando estou farto. Ou era no tempo das viagens. (aponta) Essas janelas são de um hotel em Los Angeles. Aquele é do Brasil, Colômbia, Siena. Desenhava muito porque estava sempre fora.

### **O lápis e o papel andam sempre juntos com o arquiteto.**

Comigo, é esferográfica.

### **Focando aqui na questão do tempo, o tempo provoca algumas mazelas, nas pessoas. Acha que também se pode dizer o mesmo em relação à Arquitetura? Um edifício que foi construído em determinada altura, com a passagem do tempo a percepção em relação a esse edifício pode ser totalmente diferente, pode perder valor?**

Se for bom, não perde. As casas do Porto antigo, por exemplo, a Rua de Santo António, a Rua de Santa Catarina, embora tenham já muita coisa à mistura, má, mantêm a sua qualidade. A qualidade média da Arquitetura piorou, francamente. Ainda há obras boas, mas, de maneira geral, piorou.

### **E porque acha que piorou?**

Assim, em resumo, os projetos medíocres passam nas Câmaras. Um projeto mais preocupado... Não estou a falar por mim, ou só por mim, isto é geral. Tenho bons clientes na Coreia e na China. Eu, entre China e Coreia, já fiz, por exemplo, quatro Museus a valer, só que já não posso lá ir e isso custa-me. Tenho de trabalhar por fotografias,

vídeos e muito pelo relato dos Arquitetos associados. Eu posso chegar a uma obra e dizer “Aquilo não está bem, tem de corrigir.” E vem o fiscal, que é contratado pelo dono da obra, e diz: “Não, não, não há tempo para isso.”

### **A palavra de um arquiteto já não tem tanta importância hoje.**

Não. O que está em processo é reduzir o arquiteto a desenhador de um construtor, objetivamente é o que se está a passar. Os concursos de prova pública são concursos entre construtores. O construtor, eventualmente, vai buscar um arquiteto de qualidade, mas é muito raro.

### **O dinheiro está sempre a comandar as opções.**

Isso, sem dúvida. E, eventualmente, a influência política. Aquele projeto em Toledo acabou porque houve uma mudança de partido no poder, que fez abandonar o projeto inicial.

### **Teve aqui uma obra no Porto de alteração da Avenida dos Aliados e da Praça da Liberdade, foi polémica, sem dúvida.**

Ui, eu lembro-me. Na manhã, aquilo estava tudo tapado, tinha uns taipais, não se via o que lá estava, mas os relatos da porcaria que era multiplicavam-se.

No dia em que deitaram abaixo os taipais fui lá, prudentemente, muito cedo e só estavam dois tipos. Ouvi um a dizer para o outro: “Afinal, não está tão mal como se dizia.” (risos) Houve um abaixo assinado contra e tudo. O grande argumento era por tirar as flores. Se tivessem ficado as flores, não iam durar nada. Logo na primeira manifestação do povo que ganhasse o jogo pisava as flores todas. Ali é ponto de reunião. O Vaticano também não tem flores no meio.

### **Uma última pergunta: que balanço faz da sua vida?**

Tive muitas infelicidades. Tive como suporte a Arquitetura, mas, de resto, a minha vida não se pode dizer que tenha corrido bem. E agora tenho dores na cervical. (risos)

A edição 127 da “*Enfermagem em Foco*” está disponível [aqui](#).